JONATHAN TROPPER

COMO FALAR COM UM VIÚVO

SEXTANTE
FICÇÃO

Para Alexa Rose,
que me faz companhia
ao raiar da aurora,
com amor.

CAPÍTULO 1

Russ está chapado. Dá para ver pelo branco dos seus olhos, que está mais para um rosa embaçado sob a luz bruxuleante da varanda. Também dá para ver pelos aros escuros das pupilas dilatadas, pela forma como as pálpebras tremulam indolentes, a meio mastro, e pelo jeito descuidado com que ele se apoia no guarda que, mesmo puto de raiva, o mantém de pé na porta da minha casa, como se os dois fossem companheiros de porre cambaleando pela madrugada depois de encerrado o expediente do bar. Já passa um pouco da meia-noite. Quando a campainha tocou, eu estava, como sempre, esparramado no sofá, meio adormecido, totalmente bêbado, me torturando com a tarefa de puxar lembranças aleatórias da minha mente como fósforos de uma cartela, riscando um de cada vez e lentamente ateando fogo a mim mesmo.

– O que houve? – pergunto.

– Ele se meteu numa briga com outros garotos em frente a uma loja de conveniência – responde o guarda, sem largar o braço de Russ.

Posso ver agora os lanhos e hematomas no rosto dele e um arranhão feio em forma de foice no pescoço. A camiseta preta está irremediavelmente deformada e rasgada na gola e a orelha dele sangra no lugar onde o brinco foi arrancado.

– Você está bem? – pergunto a Russ.

– Vá à merda, Doug.

Faz um tempinho que não o vejo, e ele desenvolveu alguns pelos faciais, uma pequena mosca logo abaixo do lábio inferior.

– Você não é o pai dele? – indaga o guarda.

– Não, não sou.

Esfrego os olhos com as mãos, tentando me recompor. O uísque acabara de me embalar com sua última canção de ninar e, na minha recém-perturbada quietude, tudo ainda parece estar acontecendo debaixo d'água.

– Ele disse que você era pai dele.

– Ele meio que me deserdou – diz Russ com amargura.

– Sou o padrasto – explico. – Ao menos era.

– Você era – repete o guarda com a expressão de quem provou comida tailandesa estragada, lançando-me um olhar enfezado.

O guarda é um cara troncudo – e teria mesmo que ser para aguentar Russ, que aos 16 anos é encorpado e forte, com mais de 1,80m.

– Você tem idade para ser irmão dele.

– Fui marido da mãe dele – esclareço.

– E onde está ela?

– Ela se foi.

– Ele quer dizer que ela morreu – diz Russ com desdém. Ele ergue a mão e desenha um arco descendente, assoviando e depois chiando entre os dentes para criar o efeito sonoro de uma explosão. – Tchau, tchau.

– Cale a boca, Russ.

– Venha me calar, Doug.

O guarda aperta os dedos grossos em volta do braço de Russ.

– Fique calado, meu filho.

– Não sou seu filho – rosna Russ, tentando em vão escapar das mãos de ferro do guarda. – Não sou filho de ninguém.

O guarda o imprensa com facilidade contra o batente da porta para conter seus braços irrequietos, depois se vira para mim.

– E o pai?

– Não sei.

Viro-me de novo para Russ.

– Cadê o Jim?

Russ dá de ombros.

– Foi passar uns dias na Flórida.

– E a Angie?

– Foi com ele.

– Deixaram você sozinho?

– Só por duas noites. Eles voltam amanhã.

– Angie – repete o guarda.

– A mulher do pai dele.

O guarda parece aborrecido, como se estivéssemos lhe causando uma dor de cabeça. Meu desejo é explicar tudo, mostrar que a coisa não é tão ruim quanto parece, mas aí me lembro de que na verdade é, sim.

– Então o garoto não mora aqui?

– Morava – respondo. – Quer dizer, esta era a casa da mãe dele.

O guarda, um sujeito de meia-idade com um bigode grisalho e olhos cansados, diz, aborrecido:

– Olhe aqui, seja o que for que ele andou fumando, não encontrei nada ao revistá-lo. Meu turno está para acabar e não pretendo passar mais uma hora fichando o garoto por causa de uma briga idiota num estacionamento. Tenho três filhos. Ele está bancando o durão agora, mas chorou ao entrar na viatura e me pediu que o trouxesse para cá. Então, das duas, uma: posso levá-lo para a delegacia e fichá-lo por uma série de infrações ou você pode deixá-lo entrar e me prometer que isso nunca mais vai se repetir.

Russ me encara emburrado, como se a culpa fosse toda minha.

– Isso jamais vai se repetir – garanto.

– Tudo bem, então.

O guarda solta Russ, que agita o braço no ar com violência e dispara casa adentro e escada acima, direto para o quarto, lançando-me um olhar de puro ódio que perfura a névoa do meu estupor etílico como um arpão.

– Obrigado, seu guarda – agradeço. – Ele é um bom menino, mas teve um ano difícil, só isso.

– Apenas para seu governo – diz o guarda enquanto coça, pensativo, o queixo –, não é a primeira vez que ele se mete em confusão.

– Que tipo de confusão?

O guarda dá de ombros.

– O de sempre. Brigas, na maioria das vezes. Um pouco de vandalismo. E, obviamente, não é novato na maconha. Não sei qual é o seu papel aqui, mas alguém precisa começar a impor um horário para ele chegar em casa e, quem sabe, levá-lo a um psicólogo. O garoto está fadado a arrumar encrenca.

– Vou falar com o pai dele – digo.

– Da próxima vez ele será fichado.

– Entendi. Muito obrigado mais uma vez.

O guarda me olha desconfiado e consigo me ver através dos seus olhos: sujo, barbado, olhos injetados e meio bêbado. Compreendo seu ceticismo.

– Lamento pela sua esposa – diz ele.

– É – respondo, fechando a porta. – Somos dois.

~

No andar de cima, Russ se enfia sob as cobertas, na escuridão do que antes era seu quarto. Tudo está exatamente como ele deixou, porque, como acon-

teceu com todos os outros quartos da casa, não mexi em coisa alguma desde que Hailey morreu, há um ano. A casa parece um retrato congelado da vida que levamos um dia, captado um instante antes de ser totalmente apagado. Fico de pé contra a luz do corredor, minha sombra se projetando sobre as dobras do edredom de Russ, enquanto tento pensar em algo para dizer a esse menino estranho e revoltado a quem supostamente devo me sentir de algum modo ligado.

– Estou ouvindo a sua respiração – diz ele, sem tirar a cabeça do travesseiro.

– Desculpe – digo, entrando no quarto. – Qual o motivo da briga, afinal?

– Nada. Aqueles idiotas começaram a falar um monte de merda para a gente.

– Eles são da sua escola?

– Não, são mais velhos.

– Acho que é difícil encarar uma briga quando se está chapado.

– Certo.

Ele fica de barriga para cima na cama e ri, debochado, para mim.

– Você acha mesmo que é a melhor pessoa para me passar um sermão sobre o perigo das drogas?

Dou um suspiro.

– É, foi o que imaginei – diz ele, virando de lado, deitando a cabeça no travesseiro e cobrindo-a com o braço. – Olhe, foi uma noite longa, porra. Se não se importa...

– Eu também a perdi, Russ – reajo.

Ele emite um som que, abafado pelo braço, pode ser tanto um risinho de zombaria quando um soluço sufocado, não dá para saber.

– Feche a porta quando sair – sussurra afinal.

~

Ninguém sabe quando vai morrer, mas talvez em algum lugar lá no fundo a gente saiba, sim, talvez alguma consciência no nível celular, ciente da contagem regressiva do cosmos, comece a fazer planos, porque na última noite da sua vida Hailey me surpreendeu ao usar um vestido vermelho-sangue superdecotado e supercolante em todos os lugares certos. Era como se ela soubesse o que a esperava, soubesse que aquela seria a nossa última noite juntos, e decidisse impedir que a sua lembrança desbotasse rápido demais na zona cinzenta da memória.

Eu não conseguia tirar os olhos dela, meu olhar se demorando mais que o habitual nas curvas e contornos familiares daquele corpo ainda esbelto e rijo depois de um filho e quase 40 anos de vida, nas saboneteiras das clavículas à mostra, na superfície alva e acetinada da sua pele. Desejei-a precisamente da forma como em geral não se deseja alguém com quem se vem dormindo há quase três anos. Vi-me ponderando as implicações práticas de escapulir da mesa para encontrá-la no banheiro para uma rapidinha, imaginei-me trancado com ela lá mesmo, nós dois rindo de nossa audácia entre beijos intensos, eu a imprensando contra a parede, o vestido vermelho levantado até a cintura e aquelas pernas macias e nuas me envolvendo, me puxando para dentro dela. É o que acontece quando se passa alguns anos morando sozinho com canais de tevê a cabo.

Mas, mesmo enquanto a imagem mental me excitava a ponto de me causar incômodo sob a mesa, percebi logo que aquilo não iria acontecer. Primeiro porque não havia jeito de escapulirmos discretamente. Depois, eu tinha 28 anos e Hailey, quase 40, e, embora eu soubesse que a nossa vida sexual era boa, provavelmente melhor do que a da maioria dos casais, rapidinhas em banheiros públicos já não faziam parte do nosso repertório. Na verdade, nunca haviam feito, já que tenho certa fobia a germes, e a ideia de partilhar fluidos na presença de todas aquelas bactérias aleatórias sempre me pareceu intolerável.

A caminho de casa, minha mão foi subindo cada vez mais pela extensão cor de baunilha daquelas coxas macias e nuas, e quando entramos na garagem, não havia mais volta. Arranquei o vestido dela no escuro e a deitei sobre o capô do carro, ainda quente da viagem. Então, enlouquecidos, nos transformamos novamente em adolescentes, com a diferença de que éramos bons de transa e donos do carro.

Ao entrar em casa um pouco depois, devemos ter deixado um rastro de pó de pirlimpimpim no ar, porque Russ parou o video game, nos olhou de forma estranha, balançou a cabeça e nos disse para arranjarmos um quarto.

– Não é preciso – respondeu Hailey agarrando a minha mão e se dirigindo para as escadas. – Nós já temos um.

– Que nojo! – exclamou Russ.

Dito isso, ele voltou a aniquilar tranquilamente os zumbis na tela gigante. E Hailey e eu subimos para, delirantes, violar as regras de Deus e do estado de Nova York, beijando, lambendo, sorvendo e devorando com paixão renovada um ao outro. Como se não houvesse amanhã.

Estávamos casados havia pouco menos de dois anos. Eu deixara a cidade para ir morar com Hailey e Russ na pequena casa colonial onde ela vivera com o primeiro marido, Jim, até descobrir que estava sendo traída e botá-lo na rua. Eu ainda estava me habituando a ser o marido num subúrbio chique em vez do macho caçador urbano, me adaptando ao papel de padrasto de um adolescente emburrado e de membro mais jovem do time de beisebol do Templo de Israel, bem como aos jantares, churrascos e peças escolares. Eu ainda estava tentando me acostumar a tudo isso quando Hailey pegou um avião para encontrar um cliente na Califórnia e, em algum lugar sobre o Colorado, o piloto, não se sabe como, perdeu o rumo. Às vezes aquela vida que mal começara me parece tão tênue quanto um sonho desbotado e preciso convencer a mim mesmo de que ela foi de fato real. *Eu tinha uma esposa*, repito várias vezes. *Seu nome era Hailey. Agora ela se foi. E eu também.*

Mas não falemos disso agora, porque eu teria que refletir a respeito e não tenho feito outra coisa ao longo deste ano. Existem partes do meu cérebro que continuam a pensar incansavelmente nisso e em Hailey, um departamento de pesquisa e desenvolvimento inteiramente dedicado a descobrir novos meios de sofrer e lamentar e sentir pena de mim mesmo. E tem mais: é um departamento extremamente competente. Por isso, deixarei que se encarregue disso.